

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

**A EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM ADORNO: A REABILITAÇÃO DOS  
SENTIDOS NO PROCESSO DE BARBÁRIE**

MACEIÓ-ALAGOAS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

Trabalho de conclusão do curso de  
Especialização em Filosofia e  
Educação apresentado à banca  
examinadora do Centro de Educação  
da Universidade Federal de Alagoas.

MACEIÓ-ALAGOAS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO –  
2016/2017

(RESOLUÇÃO nº 26/2015 de 04/05/2015)

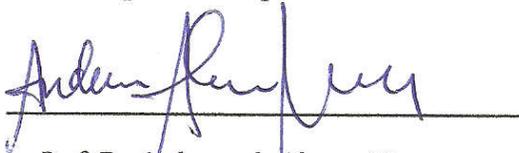
ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE  
CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM  
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – VIA DO ALUNO

Aos **21 dias** do mês de **novembro de 2017** foi instalada a Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão – TCC do Curso de Especialização em Filosofia e Educação, ofertado pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, às 11h, na Sala de Seminários da mesma instituição, a que compareceu a aluna **Roseane Santana Navarro**, apresentando o trabalho: “ **A experiência formativa em Adorno: a reabilitação dos sentidos no processo de barbárie**”, tendo como componentes da Banca Examinadora os professores Dr. Anderson de Alencar Menezes (Presidente), Dra. Roseane Maria de Amorim e Dr. José Vicente Medeiros da Silva.

Submetido à avaliação da Banca examinadora composta pelos professores:

1. Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes (CEDU/UFAL)
2. Profa. Dra. Roseane Maria de Amorim (CEDU/UFAL)
3. Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva (Arapiraca/UFAL)

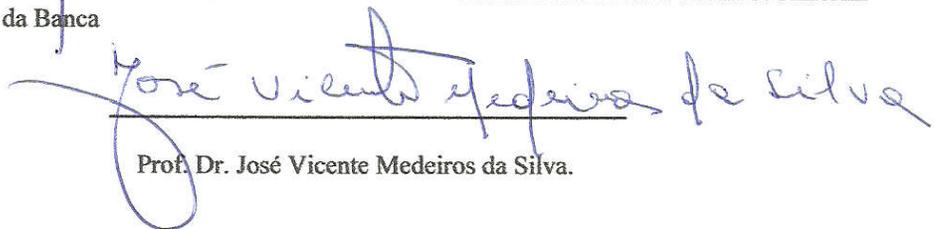
Obtendo a média final 10 (dez) tendo sido considerado aprovado por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, Anderson de Alencar Menezes, Presidente da Banca Examinadora lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca.



Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes  
Presidente da Banca



Profa. Dra. Roseane Maria de Amorim



Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva.

## **A EXPERIÊNCIA FORMATIVA EM ADORNO: A reabilitação dos sentidos no processo de barbárie**

**Roseane Santana Navarro<sup>1</sup>**  
e-mail:roseanenavarro2012@hotmail.com

**Orientador: Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes<sup>2</sup>**  
e-mail:anderufal@gmail.com

### **RESUMO**

A presente pesquisa, de cunho teórico-bibliográfico, fundamenta-se na posição filosófica de Theodor Adorno sobre a experiência formativa e a reabilitação dos sentidos no processo de barbárie associada à cultura musical popular. Para isso, abordaremos no decorrer do texto as implicações da razão técnica como consequência do movimento iluminista. Assim como, discutiremos, no segundo capítulo, a relação entre cultura de massa e classe dominante e, por último, faremos um recorte do gênero musical a ser analisado, pondo em relevo a estrutura composicional do forró, fazendo um comparativo entre a música de referencial popular com conteúdo genuíno e a música de massa com apelo ao consumo. Para tanto, o estudo é centrado nas contribuições filosóficas de autores da Escola de Frankfurt, como Adorno e Horkheimer na constituição da Teoria Crítica. Assim, temos como principal base teórica, a Dialética do Esclarecimento, escrita em parceria com Horkheimer; o livro Educação e Emancipação; bem como fontes secundárias para compreender e explicar as posições adornianas. Destarte, a metodologia dá-se a partir de leitura, análise e interpretação das obras de Adorno, mas também com o estudo comparativo das letras musicais populares e massificadas. Diante disso, é possível afirmar que a indústria cultural estabelece uma padronização necessária dos gostos musicais para atender o sistema capitalista, difundindo, cada vez mais, uma sociedade de consumo. Assim, somente a partir de uma reelaboração do passado, de uma autorreflexão, através de uma educação emancipatória, de uma formação cultural, acompanhada de uma mudança nas relações sociais será tangível a transformação da sociedade.

**Palavras-chave:** Experiência formativa. Educação. Música. Cultura industrial.

---

<sup>1</sup> Graduação em Letras – Universidade Federal de Alagoas  
Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, Bacharel em Teologia pelo Centro Unisal - Campus Pio XI (São Paulo), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto/Portugal. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas, Membro do CONSELHO EDITORIAL E CONSULTOR DA REVISTA REDUC( Revista Eletrônica de Educação de Alagoas). PROFESSOR e COORDENADOR DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO DO PPGE/CEDU/UFAL; Membro do CONSELHO EDITORIAL da Revista Eletrônica - COGNITIO da PUC SÃO PAULO; Tem interesse pelas seguintes Linhas de Pesquisa: 1) ÁREA DA FILOSOFIA: EPISTEMOLOGIA, HERMENÊUTICA E TEORIA CRÍTICA. 2) ÁREA DA EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO; FUNDAMENTOS SOCIOANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO; TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO; HERMENÊUTICA E EDUCAÇÃO, PROFISSÃO DOCENTE.

## **ABSTRACT**

This research, theoretical and bibliographic nature, is based on Theodor's Adorno philosophical position about formative experience and the senses rehabilitation in barbarism process associated with popular musical culture. For this, we will discuss, in the text course, the technical reason implications as an Enlightenment movement consequence. As well, we will discuss, in the second chapter, the relationship between the cultural industry and the dominant ideology and, finally, we will make a musical genre cut to be analyzed, highlighting the compositional structure of forró, making a comparison between the popular music reference with genuine content and mass music with appeal to consumption. Therefore, the study is focused on Frankfurt School philosophical authors' contributions, like Adorno and Horkheimer in the Critical Theory constitution. Thus, we have, as the main theoretical basis, Dialectic of Enlightenment, written with Horkheimer, the Education and Emancipation book, as well as secondary sources to understand and explain adornianas' position. Thus, the methodology is based on reading, analysis and interpretation of Adorno's works, but also with the comparative study of popular and massed musical letters. Given this, it is possible to affirm that the cultural industry establishes a necessary music tastes standardization to serve the capitalist system, spreading, increasingly, a consumer society. Therefore, only through a past re-elaboration, of a self-reflection, through an emancipatory education, of a cultural formation, accompanied by a change in social relations the society transformation will be tangible.

**Keywords:** formative experience; Education; Music; Cultural industry.

## **Introdução**

Este estudo é apoiado nas contribuições filosóficas de Theodor Adorno, um dos nomes da renomada Escola de Frankfurt, este pensador foi ímpar em sua colaboração para se pensar a sociedade e os caminhos por ela percorridos, apesar de sua obra ter sido realizada no século passado, num contexto europeu da segunda mundial, suas reflexões e posicionamentos estão cada vez mais convergentes com a sociedade contemporânea. É a partir desse aparato teórico que é delineado o posicionamento deste trabalho diante da determinação da experiência formativa na infância e suas consequências para a formação de um sujeito autônomo e não regulado pelas convenções da indústria cultural.

“Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a

repetição precisa se concentrar na primeira infância”(ADORNO, 1995, p. 122).

Esta pesquisa é sustentada a partir da postura crítica de Adorno, em consonância com Horkheimer, na obra “Dialética do Esclarecimento”, no capítulo dedicado à *cultura industrial* (Termo criado pelos autores citados para designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial), e também dos livros Educação e Emancipação e Teoria Estética, de Adorno. Aqui, o que está posto é a impossibilidade de uma emancipação do indivíduo perpassado por uma exacerbação da razão, defendida pelo movimento iluminista, no século XVIII, como sendo a salvação da sociedade que leva a uma racionalidade instrumental, assim como a cultura e a arte que estão impossibilitadas de serem instrumentos de transformações sociais, já que a cultura popular sofre uma usurpação da sua genuinidade e passa a ser instrumento de dominação através da música.

É a partir da análise comparativa de duas letras de músicas populares, do gênero forró, que está embasada a demonstração do atravessamento da cultura industrial, tomemos como exemplo a música de Wesley (2015) “Vou dar virote”, e a cultura propriamente dita, com a letra da canção composicional de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (1947), “Asa branca”, esta respeitando a liberdade do artista, enquanto aquela, que determinada pelo sistema do capital, desprende-se do artista com o único objetivo de satisfazer o mercado de consumo.

O primeiro capítulo, intitulado como “A barbárie da racionalização instrumental”, traz uma reflexão sobre o excesso de racionalidade que é resultado do movimento iluminista e que tem como consequência a barbarização humana por meio de uma razão técnica que institui a dominação do indivíduo a partir de uma necessidade ilusória criada pela mídia e controlada pela classe dominante. Aqui, a análise proposta é mostrar que “o esclarecimento, ao mesmo tempo em que permitiu ao homem libertar-se dos grilhões que o acorrentavam, traz consigo a sua própria antinomia, ao tornar o homem escravo da reificação” (SILVA, 1999, p. 29).

No segundo momento, ocorre uma discussão sobre “Indústria cultural e a ideologia dominante” pautada na imposição da indústria fonográfica como instrumento de alienação sob o holofote de uma razão investida do poder capitalista para estimular o consumo através dos meios de comunicação em massa, que difundiu de forma simultânea e assustadora os chamados bens culturais, pois a arte é descaracterizada como tal passando a ser um simples entretenimento que não leva à reflexão, tornando o sujeito passivo e conformista, já que,

segundo Adorno (1985, p. 57), “Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência.” Ressaltando que a pretensa necessidade também é imposta pela ilusória ideia de aquisição necessária para o preenchimento de um vazio que só é satisfatório do ponto de vista do consumo e nada disso é feito sem que haja uma razão a priori dada pela indústria cultural.

O terceiro capítulo aborda “A regressão da sensibilidade através da música”, discute a experiência enquanto criança condicionada a um ritmo musical permeado de estereótipos e apelos ao consumo e as implicações que decorrem dessa incapacidade de escolha que não deixa de ser uma forma de barbárie, a negação ao direito de escolha do outro como sujeito que é capaz de experienciar e reconhecer outros estilos musicais. Sobre isso, Benjamin (1994, p. 115) afirma que “a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza” e acrescenta “que essa pobreza não é mais privada, mas de toda a humanidade”. Para tal discussão, traremos uma leitura comparativa entre as letras musicais de dois artistas populares, Luiz Gonzaga, com a música “Asa Branca” e Wesley Safadão, com o título “Vou dar virote” de autoria de Israel Novaes que trazem em suas músicas diferentes fenômenos sociais, obviamente de contextos históricos divergentes, mas que estão vinculados a um processo midiático que tende a estabelecer a difusão de seus trabalhos, influenciando o público a determinados comportamentos, ou seja, a partir da expansão tecnológica, há uma massificação de atitudes, de conceitos e ideias, o lazer é visto como consumo, e isso é uma criação do capitalismo moderno.

Os meios tecnológicos democratizaram o acesso à reprodução cultural, mas não à arte, pois a produção em larga escala industrial a banalizou e a descaracterizou, levando a sociedade à perda do senso crítico, tornando o público em meros consumidores passivos de todas as mercadorias anunciadas pelos meios de comunicação de massa.

É imperativo reconhecer o poder transformador negativo que a indústria cultural exerce, racionalmente, sobre a arte, descaracterizando sua “aura”, para Benjamin (1994, p. 170) a aura “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja.” Ou seja, é a essência da arte.

Na indústria fonográfica, o artista desconsidera a sua sensibilidade artística para atender a uma exigência do mercado que passa a ditar os ritmos e os gostos a que o músico está submetido nesse novo momento, ocorrendo a uniformização do sujeito e manipulação da

sua autonomia. A partir daí, os meios de comunicação vão trabalhar com a massificação da arte, promovendo uma homogeneização do repertório cultural, com pouca margem para escolhas diferenciadas e as consequências são a alienação, a reprodução e a despolitização. Sobre isso:

A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto. Reduzida ao estilo, ela trai seu segredo, a obediência à hierarquia social. A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura.  
(ADORNO & HORKHEIMER, 1985, P.62)

Portanto, é perceptível que a indústria cultural traz consigo elementos portadores do mundo industrial moderno e que exerce um papel específico dentro desse processo alienatório, o de disseminadora da ideologia dominante, que se apropria da essência das manifestações e emoções genuínas da sociedade para transformá-las em negócio, em lucro.

### **A barbárie da racionalização instrumental**

A promoção da discussão em virtude da criticidade sobre a racionalidade técnica traz as contribuições dos dois máximos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, responsáveis pela obra “Dialética do esclarecimento”, de e reeditada em 1985, que adotam um ponto de vista crítico ao excesso de “razão” que o movimento iluminista defendia como sendo a solução para a emancipação humana. Os filósofos, baseando-se no momento histórico da época, apontam como materialização dessa exacerbação as duas guerras mundiais e tentam explicar a ascensão dos regimes totalitários na Europa - o fascismo e o nazismo – mostrando que não há uma irracionalidade humana no processo desses regimes bárbaros. A partir daí, os frankfurtianos fazem alguns questionamentos em relação à ideologia iluminista, pondo em discussão o “Esclarecimento” (AUFKLÄRUNG.), se este levou a humanidade a uma nova forma de barbárie ou se foi realmente um processo de humanização.

Os autores defendem que o esclarecimento é totalitário no sentido em que aprisionou o ser humano, foi criado como forma de defesa, mas acabamos nos tornando prisioneiros, prisioneiros da razão técnica, uma razão que é capaz de construir ciência, tecnologia, mas que não nos levou a uma evolução moral e ética, ao contrário, encaminhou a humanidade para a

dominação e à barbárie. Foi o que ocorreu no fascismo e no nazismo, a dominação através da tecnologia.<sup>3</sup>

Para Adorno e Horkheimer, o ser humano está preso a essa razão técnica não escapatória para essa manipulação, pois a tecnologia vem “preencher” muitos vazios que são criados dentro do indivíduo e, a classe dominante, através da mídia, utiliza-se desse conhecimento para manipular e perpetuar essa visão de falso preenchimento, já que o vazio é ético e moral e não material.

O excesso de racionalidade sem pensar nas emoções humanas cria uma insatisfação do sujeito consigo mesmo, a partir do momento em que ele busca se encaixar num modelo utópico, como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p.50), “O meio é fetichizado: ele absorve o prazer”, imposto pela indústria cultural que faz uso desse conhecimento, obtido através da razão técnica, para instaurar o processo de dominação em massa.

A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. Os automóveis, as bombas e o cinema mantêm coeso o todo e chega o momento em que seu elemento nivelador mostra sua força na própria injustiça à qual servia. Por enquanto, a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 57)

A crítica à razão instrumental é feita por sua incoerência ideológica, pois tanto a racionalidade quanto a ciência se transformaram em instrumentos de dominação política, social e econômica, deixando de atender o seu objetivo de progresso social, de emancipação do homem através de uma saída da “menoridade”, “A menoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de outro.” (KANT, 2005, p.101).

Ao colocar a razão técnica como potencializadora para atingir a *aufklärung*, promoveu-se uma relação de desequilíbrio entre o sujeito e a natureza, pois a busca pela

---

<sup>3</sup>Theodor Ludwig Wiesengrund Adorno nasceu na Alemanha na cidade de Frankfurt em 11 de setembro de 1903 e faleceu em Visp, em 6 de agosto de 1969. Teve influência da Filosofia de Kant e estudou: Filosofia, Musicologia, Psicologia e Sociologia e se forma em 1924 tendo grande destaque o cenário acadêmico ao defender sua tese sobre Husserl (A transcendência do objeto e do neomático na fenomenologia de Husserl) em 1924. Ler mais: Disponível em: <[http://www.filosofia.com.br/bio\\_popup.php?id=62](http://www.filosofia.com.br/bio_popup.php?id=62)> Acesso em 13 nov. 2017. Max Horkheimer nasceu em 14 de fevereiro de 1895, em Stuttgart, na Alemanha. Abandonou os estudos em 1911 para aprender um ofício e ajudar na fábrica de seu pai. Participou da 1ª Guerra Mundial. Ler mais: Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/max-horkheimer.htm>> Acesso em 13 nov. 2017.

dominação voltou-se ao homem de maneira negativa, a apropriação desenfreada, sem ética, nos levou a uma sociedade do consumo que está voltada para a aquisição de bens e, por isso, condicionada à manipulação, já que todo o conhecimento foi desvirtuado para expandir, ainda mais, a dominação do homem pelo próprio homem. Conforme Adorno e Horkheimer (1985, p. 57), “a racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação”.

Como resultado do movimento iluminista, ocorreu o desenvolvimento tecnológico e científico que levou a humanidade a ter uma vida mais confortável e a dominar aspectos naturais que eram desconhecidos. Em contra partida, tivemos o desenvolvimento do modo de produção capitalista que transformou o homem em fantoche social e midiático, desapropriado do seu intelecto, capaz de cometer a barbárie em troca de poder, dispondo da lógica para alienar e subjugar o próprio homem. Fica evidenciado então que o excesso de razão não foi suficiente para capturar o homem do seu estado *menor* e levá-lo a uma apoteose do saber humanizado, esse capaz de sucumbir à maldade humana, em vez disso, houve a revolução industrial, no transcorrer do século XVIII, que trouxe em seu viés ideológico a expansão do consumo e o processo alienatório em massa, capaz de mercantilizar a “cultura”, desconfigurando-a, transformando-a em mera reprodutibilidade e diversão, homogeneizando o conteúdo como forma de chamariz para atender a uma ilusória vida perfeita, manipulando as emoções e colocando o homem como consumidor e produto ao mesmo tempo.

### **Indústria cultural e a ideologia dominante**

Para refletir sobre o domínio da Indústria Cultural e a ideologia dominante e o perfil da indústria fonográfica contemporânea como ferramenta de alienação, seguimos os ditames e postulados instituídos por Theodor Adorno um dos expoentes máximos da Escola de Frankfurt.

O termo Indústria Cultural surgiu na década de 1940 do século XX, quando filósofos e estudiosos da referida escola cuja orientação é marxista, buscaram refúgio nos Estados Unidos por conta da perseguição devido à origem étnica e orientação ideológica no período de ascensão de regimes totalitários “pré” segunda guerra mundial.

A adoção da nomenclatura de Indústria Cultural veio substituir o de cultura de massa que causava ambiguidade, como se está expressão fizesse menção à cultura proveniente da

massa “povo”. Este fato aconteceu com a publicação nos idos de 1940 do livro intitulado “*Dialética do esclarecimento*”. Esta obra teve a contribuição extraordinária de Max Horkheimer, outro ícone da Escola de Frankfurt.

Adorno esclareceu que a arte passou a ser vulgarizada pela indústria cultural como prática de interesse da burguesia detentora dos meios de comunicação passou-se a estipular a arte e suas manifestações como produto. De tal modo sendo possível de comercializá-la em grandes proporções.

Um questionamento que emerge é sobre o conteúdo desse tal produto cultural. Para Adorno, o emissor e a mensagem têm papel fundamental na persuasão e manipulação na comunicação, nesse processo o receptor é vitimado pelo que lhes é oferecido. Portanto, não se tem interesse em propalar a arte com viés reflexivo e formador de mentalidades questionadoras; esse fato saltou aos olhos do autor a partir de sua análise sobre a banalidade do conteúdo dos recentes produtos culturais apresentados à sociedade estadunidense do período. Cabe salientar, a emergência do capitalismo industrial e financeiro que na extensão de seus tentáculos de interesses acertou em cheio a cultura. Este processo fustigou Adorno e Horkheimer quando residiam nos Estados Unidos e lecionavam na Universidade Princeton estado de Novo Jérsei.

Adorno exerce sua crítica acerca da relevância da cultura, das artes e da música como forma de reflexão e como mecanismo emancipatório. As preocupações adornianas surgem do espanto com a imposição gradativa que ocorria por meio da uniformização cultural naquele país da mídia, era período de consolidação de meios de comunicação de massa como cinema, rádio e a TV. Adorno conclui que “Pelo prisma do veículo de comunicação de massa, a tarefa que se coloca seria encontrar conteúdos e produzir programas apropriados em seu conteúdo para este veículo, e não impostos a partir de seu exterior” (p.94).<sup>4</sup> Para Adorno, esse cenário é tão latente que “A cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança”(p.5).<sup>5</sup>

O estudo da Indústria Cultural e a ideologia dominante é sem dúvida um ponto crucial para averiguar o poder da ideologia do capital difundido, por exemplo, na ramificação que é a indústria fonográfica. Pauta-se que, a imposição da indústria fonográfica como instrumento de alienação, sob o holofote de uma razão investida do poder capitalista para

---

<sup>4</sup> ADORNO, T. *Educação e emancipação*, p. 77. Rio de Janeiro. Tradução Wolfgang Leo Maar. EDITORA PAZ E TERRA, 1995.

<sup>5</sup>ADORNO, T. *A indústria cultural e sociedade*, p. 5. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

estimular o consumo, veio através dos meios de comunicação em massa, que difundiu de forma simultânea e assustadora os chamados produtos culturais, pois a arte é descaracterizada como tal, passando a ser um simples entretenimento que não leva à reflexão, tornando o sujeito passivo e conformista, já que, segundo Adorno (p. 57) <sup>6</sup> “Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência.” Ressaltando que a pretensa necessidade também é imposta pela ilusória ideia de aquisição necessária para o preenchimento de um vazio que só é satisfatório do ponto de vista do consumo e nada disso é feito sem que haja uma razão a priori dada pela indústria cultural.

O século XX foi decisivo neste processo de consolidação em virtude da expansão dos meios de comunicação de massa. Notadamente, existe um intercâmbio de interesses das forças capitalistas para a propagação de produtos culturais homogêneos, encaminhando para uma padronização cultural com viés mercadológico e que influencia nos hábitos de consumo, de produtos vinculados a uma infinidade de propagandas, proporcionando a negação da autonomia do sujeito no processo de escolha, enquanto ser dotado de capacidade de reflexão. Nesse caso, a propaganda é apresentada como “arma e alma do negócio” que engana e subestima a autonomia do fazer artístico, além de conduzir a um jogo subliminar psicológico, no qual prevalece a aceitação da ideologia das classes dominantes.

Os diferentes canais de propagação dos produtos culturais estão ligados a uma teia que tem como ponto definidor o lucro, que independe do teor da produção artística.

Um dos mecanismos citados pelos estudiosos da escola de Frankfurt, Adorno e Horkheimer, para demonstrar a notoriedade da Indústria Cultural sugerem que as produções culturais em filmes, telenovelas, peças publicitárias e correlatas buscam iludir intencionalmente aquilo representado como realidade vivida. Verifica-se tal pressuposto na adoção dos padrões, gostos, hábitos, comportamentos, padrões estéticos. Esse fato robustece a concepção de uma realidade falseada, fomentando o imaginário com ideias preconcebidas.

A indústria fonográfica em seu período atual recorre a grande parte dos mecanismos citados anteriormente. Sugerimos que esse perfil tem lastro e é resultado da intensificação do domínio da Indústria Cultural. Indicamos que os interesses estão na propagação de produtos culturais que transmitam mensagens fáceis, fetichizadas, erotizadas e de simples compreensão.

---

<sup>6</sup>ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

No período atual, prevalece a imposição cada vez mais acentuada do capital sobre o trabalho e uma busca incessante pela satisfação, as pessoas não estão querendo nada que exija esforço, principalmente reflexivo. Esse mote foi compreendido pela indústria fonográfica que vende a falsa sensação de satisfação por meio de músicas com temáticas contempladoras das sensações de bem estar humano. Em verdade, há uma deliberada intencionalidade da classe burguesa em difundir uma ideologia, pois é esta que controla a produção da Indústria Cultural.

Verifica-se que são atribuídos a este produto cultural temáticas específicas que almejam uma fuga da realidade tal como ela é. O consumidor é inclinado a escapar da realidade opressora do período atual, mormente a satisfação imediata sem se ater aos conteúdos que de fato formam aquele produto cultural fonográfico. Muitas vezes o viés exposto que acalenta e satisfaz é inversamente o contrário. O que está em vigor é a ideologia de massificar uma ideologia baseada no consumo, para ser feliz, o sujeito deve consumir.

A indústria fonográfica, como a maioria das atividades capitalistas, serve para gerar lucro, e assim diversifica seu leque de produtos em via da obtenção daqueles que sejam rapidamente aceitos e promovidos, pois este artifício é primaz na sua reprodução como forma de geração de capital.

Para isso, tem competência em massificar os denominados *hits*, estes por sua vez são narrativas que simulam uma vida regada aos prazeres do consumo, da sexualidade, da dita ostentação, da fugacidade. Na verdade, trata-se de uma miragem baseada na alienação em massa. A indústria fonográfica vale-se disso! Fatura com consumidores ávidos por se distrair, entreter-se, e, antes de tudo, anestesiar as agruras da vida numa sociedade capitalista.

O fenômeno da homogeneização cultural é latente e se apresenta em diferentes dimensões nas manifestações culturais. É factível que existe uma indústria fonográfica que atua de forma sistematizada. Tal evento ocorre na medida em que a música passa a ser de acordo com escritos originais de 1938 de “*Fetichismo na música e regressão da audição*”<sup>7</sup>, encarada como produto e, portanto, ao consumidor impõem-se a lógica do consumo sem questionamentos.

---

<sup>7</sup>ADORNO, Theodor W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. Neste texto o autor aborda na sociedade capitalista o conceito de gosto foi sucumbido e o consumidor torna-se passivo a música que é distribuída pela indústria fonográfica.

Há, assim, a aceitação de um modelo imposto que em nada agrega na obtenção da ponderação sobre a realidade em que o sujeito está, músicas rápidas e de fácil assimilação são produtos culturais usuais difundidos pela indústria fonográfica. Em grande parte, a fluidez do tempo decorre da imposição do capital sobre o tempo e fomentada se consolida pelos meios de comunicação de massa contemporâneos como a internet que os disseminam.

Atentemos que o domínio acerca da produção cultural recai sobre o controle das ideias, bem como de quais devem ser expressas. Portanto, aqueles que controlam a Indústria Cultural e um dos seus canais, a indústria fonográfica, conscientemente, populariza as músicas que são de seu interesse.

Refletimos diante de tal questão enquanto tese que sugere que há uma intencionalidade sistematizada e orquestrada para difusão de ideias que compõem uma ideologia. Quando averígua-se quem detém os meios de produção numa sociedade capitalista, marcadamente desigual, estes pertencem às classes dominantes. Posto isso, são difundidos produtos culturais que num movimento dialético são vazios de conteúdo reflexivo, mas, que consistem em objetos vendidos pela indústria cultural que fomentam a dominação ideológica e manutenção da ordem instituída pelas classes dominantes. Neste sentido, vemos na indústria fonográfica um viés de difusão ideológica na contemporaneidade.

### **A regressão da sensibilidade através da música**

No que concerne à arte, a concepção de Adorno está diretamente vinculada ao seu aspecto social, pois é a partir desse momento artístico contemporâneo que o musicólogo chama a atenção para a apropriação manipuladora do capital sobre a arte.

Com a evolução industrial nos séculos XVIII e XIX, os meios tecnológicos tornaram possível produzir obras de arte em grande escala, promovendo a banalização e a descaracterização. Em decorrência desse fato, o público perdeu o senso crítico e tornou-se um consumidor passivo de todas as mercadorias anunciadas. As transformações da cultura em mercadoria, promovidas pela indústria cultural, tiveram como consequências a padronização e o baixo nível formal e de conteúdo através da reprodução em massa e o dispensável engajamento cognitivo para a compreensão composicional, assim como a domesticação do estilo musical imposta pela indústria fonográfica. A partir daí, decorre uma crescente dissociação entre o artista e a

arte, já que o artista passa a fabricar “arte” para ser vendida, visando apenas o lucro, afastando-se da expressão artística, de suas emoções, de sua beleza, assim, como afirma Adorno (1982, p. 89), “A arte não imita nem a natureza, nem um belo natural singular, mas o belo natural em si”.

As implicações que perduram à nossa sociedadesão percebidas na cultura erudita, com a perda de rigor e na cultura popular, com a perda da espontaneidade, ou seja, se transformam radicalmente, pois passam a ser condicionadas pelos interesses do mercado. Como exemplo disso, temos a indústria fonográfica que passa a ter o poder de ditar os ritmos e os gostos a que a músico está submetido nesse novo momento. Ocorre também a uniformização do sujeito e a manipulação da sua autonomia.

Quando a arte é compreendida como simples forma de entretenimento, ela perde o seu objetivo de emancipação do sujeito, pois passa a atender o sistema do capital, que tem como característica a usurpação da autonomia para promover a homogeneização do repertório e fazer com que as massas obtenham a ilusão de que a facilidade composicional seja melhor que o esforço cognitivo. Assim, quaisquer outras músicas que se apresentem serão tidas como tediosas.

Considerando-se a experiência formativa na infância, o momento em que ainda estamos tutelados ao outro, vale ressaltar que a falta de escolha de um repertório musical que trate de questões sociais, culturais e que tenham um caráter crítico, pode ser representada como uma forma de barbárie, pois tirar o direito de escolha do outro é um ato bárbaro, com consequências graves que impossibilitam a emancipação do sujeito através de uma formação cultural (Bildung) e o insere no processo de semiformação (Halbbildung), pois a partir do momento em que a arte perde a sua identidade simbólica e se converte ao mero interesse do capital, o que está posto é a constituição do processo de semiformação. E, como afirmam Adorno e Horkheimer (1995, p. 71), “A arte fornece a substância trágica que a pura diversão não pode por si só trazer, mas da qual ela precisa, se quiser se manter fiel de uma ou de outra maneira ao princípio da reprodução exata do fenômeno”.

Diante do atual panorama da arte, mais precisamente da música, Adorno (1996, p.388) afirma que “a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual”. E para materializar tal afirmação, tomemos a análise de alguns trechos da música do compositor Wesley Safadão, cujo nome já o coloca como produto expositivo marcado pelo interesse de apelo sexual. Nos fragmentos, Safadão (2014), “Eu vou beber até o dia clarear, vem pra

minha mesa que hoje é open bar, A noite não tem hora pra acabar”, pode-se constatar uma apologia a um estilo de vida que incentiva ao consumo desenfreado do álcool como forma de alcance imediato de satisfação, ou seja, o conteúdo sugestionado na canção indica a possibilidade do sujeito, no ato do consumo desmedido, demonstrar vigor financeiro e ostentar poder. Nesse sentido, é perceptível a regressão da sensibilidade humana, dos valores éticos e morais responsáveis pela capacidade de perceber que há uma alteridade entre o outro e si mesmo e, por isso, deve haver uma preocupação humana, esta completamente descartada dentro do sistema capitalista. Ainda sobre a mesma composição de W. Safadão (2014) – “Eu vou dar virote, eu vou dar virote, eu sou patrão tô estourado e essa vida é pra quem pode” - os trechos seguem fazendo menção ao prazer vinculado a uma vida regada ao dinheiro, à diversão e ao potencial que esses fatores podem proporcionar introgenando, em quem ouve, uma ilusão de uma vida perfeita e alcançável, e quando não, a responsabilidade é do próprio indivíduo, cujo <sup>8</sup>mote não foi capaz de realizar, causando assim uma frustração que leva a uma busca desesperada pelo falso prazer. Como relata Adorno:

A música de entretenimento preenche os vazios do silêncio que se instalam entre as pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências. Assume ela em toda parte, e sem que se perceba, o trágico papel que lhe competia ao tempo e na situação específica do cinema mudo. A música de entretenimento serve ainda — e apenas — como fundo. Se ninguém mais é capaz de falar realmente, é óbvio também que já ninguém é capaz de ouvir. (ADORNO, 1996, p. 67)

Para o filósofo uma das características da indústria cultural é promover o esquecimento rápido do produto, pois ocorre uma regressão auditiva de quem ouve a música de entretenimento, pois essas precisam estar em ascensão publicitária para serem lembradas. Assim como, assume o papel de semiformação para acalantar aqueles que buscam acomodação em forma de arte.

Contrapondo-se a essa composição degradante e popularizada com o único intuito de atender ao mercado capitalista, temos como demonstração da cultura popular genuína a canção “Asa branca” de composição de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira que aborda em

---

<sup>8</sup> Sobre a concepção de barbárie: Suspeito que a barbárie existe em toda a parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie. (ADORNO, 1995, p. 159-160).

suas estrofes a questão seca no nordeste brasileiro - “Nem um pé de plantação, por falta d’água perdi meu gado, morreu de sede meu alazão”, nesses versos, o imagético nos vem simultaneamente como se o acontecido fizesse parte de nossa lembrança, pois nos leva à reflexão e sensibilização promovida pelas emoções e que desperta inquietação com o sufrágio da seca.

Dando continuidade a mesma composição, nesses excertos - “Hoje longe muitas léguas”, “espero a chuva cair de novo”, “para eu voltar pro meu sertão” - vemos a referência de outro aspecto social relevante que é o movimento populacional ocasionado por questões climáticas – a migração, pois pela falta de água e, conseqüentemente, sem subsídios para sobrevivência, as pessoas são forçadas a migrarem para outros estados em busca de uma oportunidade de trabalho. Nota-se que a narrativa contida na canção leva o sujeito a refletir sobre tais questões.

É necessário que se desperte para o que está dado, pois, como afirmou Adorno (1985, p.40), “a regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de poder tocar o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas”. Vale ressaltar que uma das explicações plausíveis é que enquanto a sociedade estiver sob um holofote do mundo capitalista haverá a necessidade de fazer um enfrentamento em suas variadas esferas de sociabilidade. Outrossim, a “arte de protesto” comprometida com o desenvolvimento da criticidade fomentaria novas possibilidades para ultrapassar as barreiras do capitalismo.

### **Considerações finais**

Diante das reflexões propostas e embasadas nas contribuições de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, o referido trabalho promoveu uma discussão sobre a experiência formativa e as conseqüências para a formação de um sujeito autônomo capaz de se desprender das amarras impostas pelo sistema do capital. Este ponto de partida teve como encaminhamento a reabilitação da sensibilidade no processo de barbárie e tomou como propriedade a música.

Partindo da proposição de que a razão instrumental foi um dos maiores disseminadores para o processo de barbárie, ficou evidenciado que o avanço tecnológico e científico, sob a luz

da razão exacerbada, trouxe prejuízos à humanidade, tornando-se aparelho ideológico da classe dominante.

Outra validação da pesquisa é que a racionalidade técnica encontrada nos meios de produção também se faz presente na arte, pois, a indústria cultural, transformando-a em mercadoria, garante que os princípios do capital sejam absorvidos sem contestação. Como contraponto à massificação cultural por meio da música, é preciso que haja ressignificação dos sentidos, o resgate da criticidade e a formação de sujeitos autônomos e reflexivos, não tutelados ao meio de produção em massa. Para tanto, a educação deve versar e priorizar a autorreflexão sobre o mundo tal como ele é, enfatizando que a educação, aqui mencionada, não se restringe à ambiência escolar, mas a todos os âmbitos sociais.

A relevância desse estudo atende à necessidade de reflexão sobre os meios de comunicação em massa que vem difundindo a ideologia das classes dominantes através da indústria fonográfica que se utiliza da arte para moldar as atitudes, os conceitos e as ideias com objetivo de lucrar e perpetuar a dominação da burguesia sobre as massas. O atravessamento do capital sobre a arte, mais precisamente a música, se dá através de sua domesticação, imposta pela indústria cultural, que corrompe o intelecto e provoca a perda da sensibilidade auditiva, já que o teor artístico é usurpado, dando lugar ao repertório de fácil absorção, sem criticidade e sem esforço reflexivo. Diante de toda essa questão, a possibilidade de mudança dar-se-á com a recuperação da autorreflexão artística que tem como papel fundamental a preocupação social de libertar e estimular o conhecimento e a reflexão, mas, para a ocorrência de tal realidade, será preciso uma modificação da sociedade, pois, diante do sistema capitalista, o fracasso da emancipação humana está dado a priori, porque o que está posto diante desse sistema capitalista é justamente uma intenção paradoxal ao que se busca.

É factível vislumbrar a vasta contribuição científica no que compete aos apontamentos educacionais e filosóficos para uma mudança social, mas mesmo com todo esse aparato não foi possível se chegar à emancipação humana, pois para se libertar dos interesses do capital, a sociedade precisa escapar do poder alienatório promovido por esse sistema, que compete à arte, através da música de protesto que promovem a criticidade, abolida no sistema econômico instituído.

A inquietação propulsora dessa pesquisa deixa um leque de possibilidades para futuros aprofundamentos adornianos que tanto contribuem para um entendimento das reais

necessidades humanas, que nada tem a ver com bens de consumos materiais, atentar-se para essa questão ficará cada vez mais distante se não houver uma modificação radical no ponto de vista da sociedade em relação ao poder de massificação da classe dominante que explora todas as esferas capazes de gerar lucro.

### **Referências**

ADORNO, T. *A indústria cultural e sociedade*. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

\_\_\_\_\_, Theodor W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ADORNO, Theodor W. *Teoria da Semicultura*. Trad.: Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 17, n. 56, p. 388- 411, 1996.

ADORNO, Theodor W. *Teoria Estética. Teoria estética*. (Tradução de Artur Mourão). São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BEJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio P. Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KANT, Immanuel. *Textos Seletos*. Petrópolis: Vozes, 2005.

N, Israel. *Vou da Virote*. 2014.

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/israel-novaes/vou-dar-virote/>. Acesso em: 13/11/2017.

SILVA, Rafael Cordeiro. *A atualidade da crítica de Adorno à Indústria Cultural*. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 13, n. 25, p. 27-42, jan./jun. 1999.

TEIXEIRA H, GONZAGA L. *Asa Branca*. 1947.

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/>. Acesso em: 13/11/2017.